



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Araraquara, 29 de agosto de 2023.

A/C Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Palenteológico, Etnográfico, Arquivístico, Bibliográfico, Artístico, Paisagístico, Cultural e Ambiental do Município de Araraquara (COMPPHARA)

As vereadoras Fabi Virgílio, Luna Meyer e Filipa Brunelli e os vereadores Alcindo Sabino, João Clemente, Marcos Garrido, Paulo Landim, Aloisio Boi, Rafael de Angeli, Lucas Grecco, Edson Hel, Emanuel Sponton, Marchese da Rádio, Gerson da Farmácia, Guilherme Bianco, Hugo Adorno, Lineu Carlos de Assis e Carlão do Joia, e os representantes da sociedade civil Claudio Claudino, Alessandra Laurindo, Daniel Amadeu Martins Filho, o Costa, e a Associação para a Preservação, Resistência e Resgate da Cultura Afro-brasileira de Araraquara (ONG Apprecaba), com pesquisa histórica de Fabiana Virgílio, colaboração de Fernanda Miranda e consultoria de Valquíria Tenório, Claudio Claudino e Alessandra Laurindo, por intermédio deste relatório, requererem o reconhecimento do **BAILE DO CARMO** como **PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL** de nossa cidade.

Entendemos que o Baile do Carmo é um bem extremamente relevante para a nossa cidade e faz parte da história cultural dos araraquarenses, especialmente da comunidade negra, e que deve ser perpetuado e protegido como patrimônio municipal.

Devido à falta de documentos oficiais que registram a história de construção do evento ao longo de mais de cem anos, algo comum à realidade do povo africano em diáspora no Brasil devido ao processo de apagamento de uma cultura e de uma existência, esta trajetória é refeita com base nos depoimentos orais, o que torna tudo ainda mais precioso e denota a necessidade de proteção.

Além disso, o Baile do Carmo faz parte de uma rede de eventos do Interior Paulista que celebram a comunidade negra, sua beleza, sua cultura, suas celebrações, sua história, construídos por uma elite negra de trabalhadores ferroviários. Juntam-se ao Baile do Carmo eventos de Rio Claro, Limeira, Jundiá, Ribeirão Preto e Tietê, além da Capital Paulista, que perduraram também ao longo dos anos, em mais uma demonstração da resistência do povo preto.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Baile do Carmo: o provável início – Os Batuques de Damião

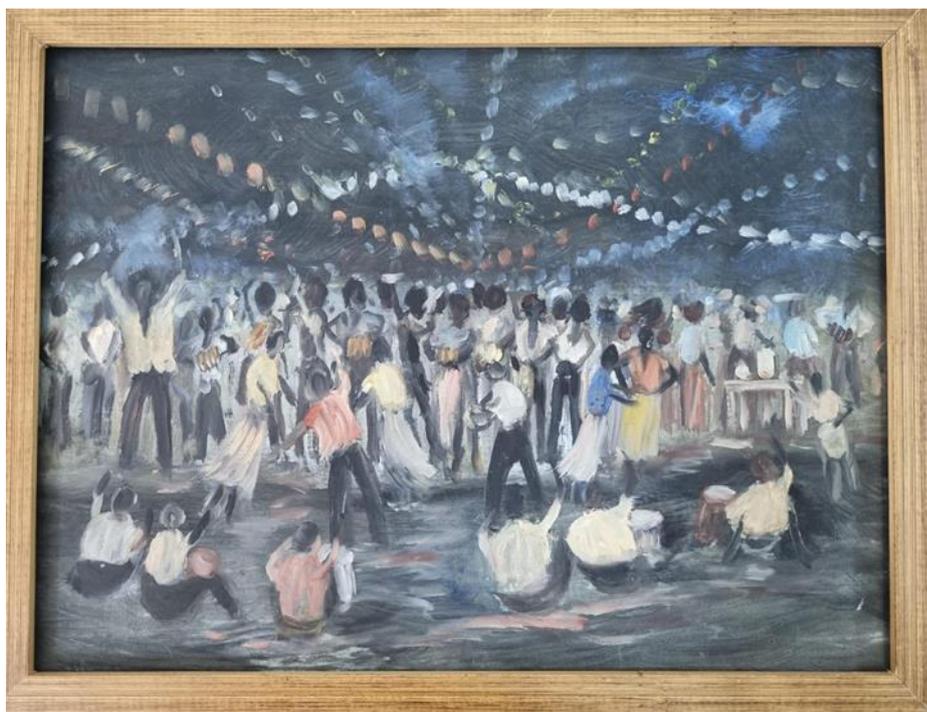


FOTO 1: Reprodução da obra “Os Batuques de Damião”, de autoria de Paulo Mascia, pertencente ao acervo da Pinacoteca Municipal de Araraquara. (Informações técnicas: Classificação A2, Tombo 499; não consta data. Óleo sobre Duratex. Dimensões: 24cm x 32cm.)

“Damião, nosso povo está morrendo de banzo, faça festa”. Segundo a tradição oral de nossa cidade, a Santa Nossa Senhora do Carmo fez uma aparição ao negro Damião e clamou a ele para que se movimentasse e impedisse que o seu povo fosse consumido pelo banzo¹. Damião se levantou e começou a organizar os Batuques de Damião, que seria localizado no bairro de São José.

Paulo Mascia (1919-1991), uma personalidade de nossa cidade, registrou em suas telas, com muita sensibilidade, os recantos de Araraquara, prédios e praças e, também com seus textos literários, preservou a memória e a tradição da cidade. Ele escreveu sobre o negro Damião em suas crônicas como forma de manter a história ativa.

¹ Banzo, do quimbundo mbanza, "aldeia", era o nome dado ao sentimento de melancolia dos africanos escravizados em relação à terra natal e de aversão à privação da liberdade praticada contra eles na época da escravidão.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Digitalizado com CamScanner

PAULO MASCIA

OS BATUQUES DE DAMIÃO

O batuque é uma dança que veio da África, trazida pelos negros escravos. É uma dança em que o barulho, conquanto ritmado, torna-se até ensurdecedor. Acaba, o batuque, por se constituir num grande baile, onde o povo curte o som, efetiva movimentos num transbordamento de inusitada alegria.

Nos anos 30, como se a preservar a memória, deixando viva na mente do povo as nossas tradições culturais, cultuando, assim nosso folclore, em Araraquara o batuque se constituiu numa constante. E isto devemos a um velho negro. A Damião, este seu nome, que se dava ao procedimento dessa festa em quase todos finais de semana, principalmente em maio, no dia 13, quando se comemorava a libertação dos escravos numa espécie de memorização da Princesa Isabel, que promulgou a Lei Áurea.

Damião foi um homem alto, avantajado fisicamente e que possuía, numa das pernas, um defeito. Não me lembro se resultante de incidente, daí a companhia permanente de uma bengala, que lhe proporcionava facilidade na locomoção.

Diariamente, fácil era encontra-lo, num período da manhã, sentado no mesmo banco verde de madeira no largo da matriz. Normalmente vestido de branco. Nesse banco, ele lia os jornais. Depois da matina, encontra-lo somente no dia seguinte e no mesmo local e horário.

A mocidade da época e entre a qual me incluo, espera, ansiosa, o dia 13 de maio, para se locomover ao bairro de São José, para assistir e, por derradeiro, acabar participando da grande batucada. O batuque organizado por Damião ganhou muita fama, daí a presença de gente da redondeza.

Da vida de Damião de Souza sabe-se pouco. Seu destaque ficou para o batuque, que ele soube preservar durante muitos anos, mantendo vivo parte de nosso rico folclore. Lembro que, inúmeras vezes, em domingos, o encontrava no estádio Municipal, torcendo pelo Paulista Futebol Clube, porque, nesse time, e com destaque, jogava um de seus filhos - o Aderico, o Conchá de grandes pugnas. Um craque perfeito; um meia-armador sensacional e que, hoje, poucos podem se lhe comparar.

Registrar, aqui - hoje e agora - a figura de Damião, não vai além de fazer com que, com saudade, os contemporâneos da época, se recordem das grandes batucadas no São José.

1
Digitalizado com CamScanner



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Segundo Paulo Mascia em sua crônica, desde a abolição da escravatura os batuques de Damião se tornaram uma constante na cidade. Eles se consolidaram como ponto de encontro, convivência e resistência da população negra de nossa morada, população essa recém-liberta, e tornaram-se referência inclusive para as pessoas da região, que sempre no dia 13 de maio se locomoviam até o bairro São José para batucar e celebrar suas existências.

Os Batuques eram motivo de incômodo para a ala escravagista branca de Araraquara:

Bronco, mal aconselhado pelos demolidores do regime, não trabalhava. Bebia e dançava. Os batuques eram coisa diária nos arrabaldes da cidade. Assim, eram também os furtos de galinhas, cabras, de gêneros alimentícios. O homem branco reagiu irado – a sova de pau e rebenque nos libertos era igualmente diária.²

Nesse trecho do artigo de Pio Lourenço podemos observar com nitidez o racismo arraigado na elite da cidade. Como hoje se sabe, os negros escravizados nunca foram tratados como pessoas, como seres portadores de direitos e necessidades. Durante os 388 anos de escravidão no Brasil, foram negados às pessoas escravizadas, africanos e seus descendentes em diáspora na América, dignidade, saúde, autonomia, qualidade de vida, uso da língua mãe, uso de seus nomes reais, manifestação da sua religião e cultura. E isso, de forma por vezes oficial, outras vezes praticadas por todo o sistema como uma verdade, se sequenciou após a falsa abolição. O trecho acima traduz todos o ódio que a população branca, dona do poder, emanava aos negros.

Quem foi Damião A. de Souza

No texto “Os Batuques de Damião”, reproduzido acima, Paulo Mascia diz: “não sabemos muito da vida de Damião de Souza”. Mas nós pudemos, em nossas pesquisas, associar fatos registrados na história.

Uma destas associações parte da crônica do próprio Mascia, que descreve Damião como um homem negro, que usa costumeiramente um terno branco e usa bengala devido a uma limitação de mobilidade. Ele também nos revela que Damião assistia seu filho jogar futebol todos os domingos no Estádio Municipal. A partir daí, observando a obra, podemos concluir que Damião é reproduzido na tela baixo.

Importante salientar que Daniel Costa traz consigo a memória oral de que Damião foi pego pelos jagunços logo que iniciou as batucadas e “cortaram-lhe as pernas para que não dançasse mais”. A história se materializa quando Paulo Mascia o descreve com um “defeito na perna”, muito provavelmente por uma “sova de pau”, como o Pio Lourenço descrevia,

² Trecho do texto “A abolição em Araraquara”, de autoria de Pio Lourenço Correa, publicado originalmente em 1989 e republicado sequencialmente no Jornal O Imparcial em diferentes e variadas oportunidades.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

nesse negro que unia, fortalecia e resistia com batucada às mazelas a que seu povo foi exposto.



FOTO 2: Reprodução com recorte da obra “Estádio Municipal”, de autoria do artista Paulo Mascia, também pertencente ao acervo da Pinacoteca Municipal de Araraquara (Informações técnicas: óleo sobre Duratex, tamanho 18cm x 3cm)

Paulo Mascia, novamente, nos traz um sobrenome e o nome de um filho e, com base nessas informações, conseguimos junto ao Arquivo Histórico de Araraquara a certidão de óbito de Damião e nela descobrimos que ele finalizou sua vida na Vila Xavier.

Na certidão de óbito abaixo notamos que, mais uma vez, não há registro de sua filiação. Ela traz a anotação da profissão de lavrador, a profissão “tradicional” da pessoa escravizada, e a informação de que este Damião faleceu aos 72 anos.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

SERVIÇO SANITÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO

**Atestado
de óbito**

DECRETO FEDERAL N. 20.931, de Janeiro de 1932, ARTIGO 15, letra e:

•São deveres dos médicos:

atestar o óbito em impressos fornecidos pelas repartições sanitárias, com a exata causa mortis, de acordo com a nomenclatura nosológica internacional de estatística demográfico-sanitária.

Atesto o falecimento abaixo especificado:

Nome Juan Carlos de Souza Sexo masculino

Idade 72 anos Cor branca

Estado Civil casado Profissão engenheiro

Nacionalidade brasileira Naturalidade C. Brasileira

Filiação Juan Carlos de Souza

Domicílio Av. Major Danilo de Barros 535

Dia e hora do óbito dia 5 às 12 h m.

Lugar do óbito (indique a cidade, distrito, rua e número onde o óbito ocorreu, ou hospital, casa de saúde, etc., quando o óbito se der fora do domicílio)

Doença Insuficiência cardíaca

Causa de morte Insuficiência cardíaca

Observações

Araraquara, 5 de Julho de 1947

Assinatura do médico Fabi Virgílio

Nota - Este atestado ficará arquivado no cartório do Registro Civil.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

lho N. 56---- Pag. N. 149----

Distrito de Páz do Município e Comarca de Araraquara

REGISTO CIVIL

ÓBITO N. 9.798-----

Sebastião Ramalho de Mendonça
Oficial do Registro Civil

CERTIFICA que à fls. 205-- do livro n. 51-0-- de registro
de óbitos, foi feito--- hoje o assento de: " DAMIÃO ANTONIO DE SOUZA "

feito aos cinco --- de julho --- de 1944--
às --- horas, em domicílio, à avenida Major Dario de Carvalho,
nº 555, na Vila Xavier, nesta cidade
sexo masculino --- de cor preta
profissão lavrador --- natural de Estado da Bahia,
domiciliado em
esta cidade, no endereço supra referido
residente idem
idade 72 ANOS --- de idade, estado civil casado
legitim o de --- ignorado
profissão
natural de ---
residente em ---
também ignorado ---
profissão --- natural
e residente
declarante: o senhor Adocco de Souza
o atestado de óbito firmado pelo medico Doutor Aldo Cariani
que deu como causa da morte
insuficiência cardíaca renal - Pneumonia o sepultamento
no cemiterio de ARARAQUARA
observações: nenhuma

O referido é verdade e dá fé.

Araraquara, 5 de julho de 1944
O Oficial do Registro Civil,
Sebastião Ramalho de Mendonça

Via - Isenta de selo
Decreto n. 4.897, de 9 de Novembro de
1943 e Art. 19, letra d), do Decreto n. 4.274 de
17 de Abril de 1942

Tip. Camargo - S. Carlos - M. 1011-7-43

FOTOS 3 E 4: Reproduções da certidão de óbito

Ao visitar o jazigo de Damião no Cemitério São Bento, encontramos a foto do filho com o uniforme do time de futebol Paulista Futebol Clube, do qual fazia parte e era grande jogador. Isso nos parece uma prova de que este jazigo é de nosso Damião, conforme a descrição de Paulo Mascia.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

A partir dos dados do jazigo da família de Damião – e aqui deixamos nosso agradecimento especial à coordenadora municipal de Serviços Públicos, Renata Bratfisch, que foi essencial para chegarmos até esta família – encontramos o bisneto Junior, servidor público municipal, filho de dona Sebastiana e neto de Jocelyn.

Junior nos confirma a relação ancestral com Damião e nos conta que ouviu uma vez do avô Jocelyn a história de que seu bisavô teria iniciado as batucadas em homenagem a Nossa Senhora do Carmo. E que essa relação com o festejo foi sequenciada pelo avô Jocelyn, que era filho de Damião e irmão de Adecco, o jogador de futebol, e foi servidor da Câmara dos Vereadores ao longo de toda a vida profissional. Ele fez parte da diretoria da Academia do Samba quando organizadora do Baile da Raça e depois do evento Noites de Julho, nomes anteriores ao Baile do Carmo.

Isso encerra, do nosso ponto de vista, a dúvida que pairava acerca da existência de Damião e seu batuque como celebração da vida do povo preto araraquarense e seu papel precursor na organização de negros e negras em torno de um evento cultural de renome e importância nacional para reafirmação da identidade negra em Araraquara, mesmo a família não tendo informação de que Damião Antonio de Souza tenha sido um homem escravizado, conforme consta na tradição oral.



FOTOS 5 E 6: Foto do jazigo de Adecco de Souza, filho de Damião (à esquerda); foto de Adecco no jazigo, em destaque (à direita)



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Conseguindo materializar a existência de Damião podemos reconstituir também a cronologia da existência das batucadas de Damião, que começaram um processo de unificação dos festejos, primeiro no bairro São José, depois no bairro do Carmo. Mais uma vez, recorreremos ao relato de Paulo Mascia sobre as inesquecíveis Festas Anuais da Nossa Senhora do Carmo em que a maioria dos participantes era de negros e que eles, após os festejos da quermesse, iam para o Baile da Raça, realizado “ora no Teatro Municipal, ora no ABC”, que muito provavelmente se tornaria o Baile do Carmo.

Vale citar que trazemos as referências do Paulo Mascia porque são os mais próximos e preservados documentos aos quais temos acesso com relatos do que supostamente originou o Baile do Carmo.





CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

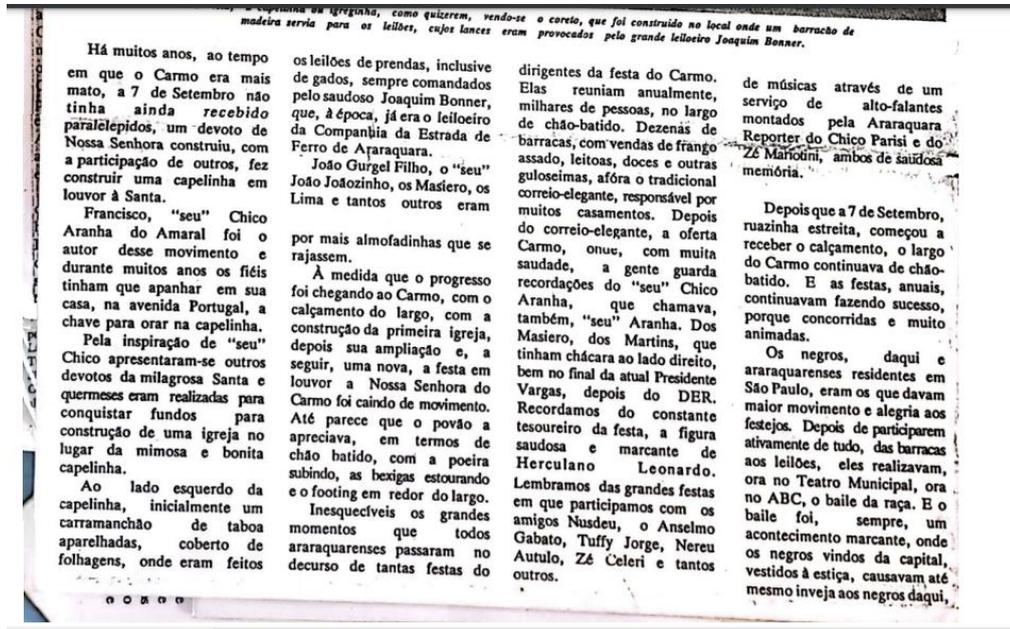
Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541



FOTOS 8 E 9: Reprodução da crônica de Paulo Mascia sobre os batuques de Damião.

Ainda no processo de pesquisa acerca da existência de Damião buscamos no livro “A História Comprovada - Fatos e Dores da Escravização Araraquarense”, publicado pela Rima Editorial em 2023, algo que pudéssemos relacionar a ele, uma vez que Paulo Mascia disse que o Damião do batuque teria sido escravizado.

Nos registros de pessoas escravizadas recuperados pelo livro encontramos um único Damião entre os documentos.

Folhas 34v, 35, 35v, 36, 36v

Data: 31/03/1873

Vendedor: Manoel Machado da Silveira e José Maria da Costa Pinho, neste.

Comprador Justino Correia de Freitas, neste.

Escravos: Vicente, Preto, 50 anos, solteiro. Raphael, preto, 6 anos solteiro. Francisco preto, 45 anos, casado. Apolinário, preto, solteiro, 28 anos. Damião, preto, 14 anos. Barbara, preta, 35 anos, casada com o número 6 da relação. João, preto, 30 anos casado. Theodora, preta, 30 anos, casada. Barbara, preta, três anos. José, dois anos. Clemente, cor preta, oito meses.

Quantia: 11:700.000 Rs



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Folhas 43, 43v, 44, 44v

Data: 19/11/1873

Vendedor: Justino Correia de Freitas.

Comprador: Innocência de Penha Eduardo.

Escravos: Vicente, Preto, 50 anos, solteiro. Raphael, Preto, 41 anos, solteiro. Apolinario, Preto, 28 anos, solteiro. Damião, Preto, 14 anos, solteiro. Barbara, preta, 45 anos, casada. João, Preto, 30 anos, casado. Teodora, preta, 30 anos. Barbara preta, 3 anos. José, 12 anos.

Quantia: 7:500.000 Rs

FOTOS 3 E 4: Reprodução de imagens do livro “A História Comprovada - Fatos e Dores da Escravização Araraquarense” (Rima Editorial, 2023)

Como vemos nas fotos acima, o Damião que encontramos foi Justino Correia de Freitas comprado por aos 14 anos, em 31 de março de 1873. Ele compunha um grupo de pessoas do qual faziam parte crianças de 2 anos e de 8 meses. Ao final do mesmo ano, este Damião foi vendido para Innocência de Penha Eduardo, como mostra a reprodução seguinte.

Era hábito dos escravocratas apagar a história das pessoas que eles exploravam, por isso pessoas escravizadas não têm registros da filiação, sobrenome ou data de nascimento, o que é de grande e profunda tristeza, principalmente quando queremos reconstituir essa ancestralidade. Foi o mesmo que ocorreu com este Damião, que nos aparece apenas em primeiro nome e idade, provavelmente estimada.

Apesar dos poucos dados, este Damião escravizado não poderia ser Damião Antonio de Souza, nascido no Estado da Bahia, sem filiação, morto em 1944 por insuficiência cardiorrenal, em casa localizada na Avenida Major Dario de Carvalho, na Vila Xavier, pai de Adecco e Jocelyn e bisavô de Junior, pois existe uma diferença de 13 anos entre eles. E o segundo Damião teria nascido quando o primeiro, aquele escravizado, tinha apenas 1 ano de vida.

Sendo assim, ficamos com inúmeras possibilidades. Uma delas é que Damião Antonio de Souza possa ter sido registrado com data de nascimento incorreta, algo que não era incomum na época.

Outra possibilidade é de que se trata de pura coincidência de nomes, para quem acredita nisso, e não há qualquer relação entre eles.

Ou ainda podemos pensar que o Damião escravizado tenha sido pai do Damião Antonio de Souza, iniciando uma tradição familiar de repetir nomes, como ocorreu com Jocelyn e Georgina, que aparecem em duas gerações diferentes da família Souza.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Por ora, não temos uma resposta objetiva e certa para isso, mas reforçamos aqui que Damião não foi uma lenda urbana, mas alguém que está mais próximo de nós do que imaginávamos.

Identidade negra

O Baile do Carmo é um evento de repercussão nacional, realizado em Araraquara no mês de julho há, segundo estimativas, 135 anos. É uma festa do povo negro de nossa cidade reconhecida e aguardada por comunidades negras de todo o Brasil, que nos visitam para participar dos quatro dias da festa, especialmente do Baile de Gala, que encerra a programação.

O Baile do Carmo é um momento de encontro de pretos e pretas para celebrar sua raça, sua cor, sua beleza, seus afetos. É um momento de afirmação da identidade, é a continuidade de uma tradição, é o encontro de familiares e amigos, é o protagonismo negro em espaços públicos geralmente ocupados por brancos e nos quais eles foram historicamente impedidos de entrar.

De acordo com a professora doutora e socióloga Valquíria Pereira Tenório, que se debruçou sobre o tema por anos e cuja pesquisa resultou na tese de doutorado “Baile do Carmo: Festa, Movimento Negro e Política das Identidades Negras em Araraquara-SP”³, o Baile do Carmo, não exatamente como ele se apresenta hoje, mas enquanto encontro da comunidade negra, remontaria ao período da abolição e teria se iniciado a partir de uma reunião de escravos dançando umbigada na data de aniversário de Nossa Senhora do Carmo, 16 de julho, próximo à igreja de mesmo nome.

Tenório conta que, em fins do século XIX, Araraquara iniciava seu processo de urbanização e a região do Carmo era afastada do perímetro central, mais ligada à zona rural, uma área de passagem para as fazendas e para outros povoados, o que teria possibilitado e favorecido a participação de um número maior de negros e negras, em comparação com as festividades realizadas na região central da cidade.

No bairro do Carmo, segundo relatos dos entrevistados, já havia algumas famílias negras morando em volta da igreja e nas chácaras e estes moradores participavam ativamente dessa festa, inclusive ajudando na arrecadação de fundos para terminar a construção da igreja.

Assim como o registrado em outras regiões do Brasil, durante a colonização as festas religiosas eram uma das ferramentas de catequização e conversão dos povos originários e dos africanos trazidos ao Brasil como escravizados. Mas, resistentes e unidos, eles viveram estes encontros de diferentes formas e “a partir e em torno dela, muita coisa se tornava

³ Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 2010, na área de pesquisa de “Culturas, Diferenças e Desigualdades” e orientada pelo Prof. Dr. Karl Martin Monsma.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

possível: rituais de identidade étnica, reunião solidária de escravos e libertos, competição e conflito entre os festeiros, ensaios para levantes contra os brancos”. E esta oportunidade de estarem juntos trocando informações também foi vivenciada pelos escravizados e libertos na realização de batuques durante o período escravista em Araraquara.

Esta reunião se tornou costumeira ao ponto de, já na segunda metade do século XX, segundo os relatos, muitos negros voltarem para Araraquara por ocasião da Festa do Carmo para participar da procissão e da quermesse e, com o passar do tempo, o encontro da festa religiosa deu lugar ao Baile do Carmo.

Essa construção do Baile do Carmo teria forte relação com o surgimento de uma “elite negra” composta por famílias negras tradicionais da cidade que conseguiram, por meio do emprego na ferrovia, no Departamento de Estradas e Rodagem (DER) e nos empregos públicos e autônomos ter um padrão de vida melhor. Também está relacionada à formação das academias e associações compostas por pessoas negras, responsáveis por décadas pela organização do evento.

A Festa do Carmo no largo da igreja foi realizada até 1993, quando todos os espaços para as cerca de 300 barracas foram vendidos. Daí surgiu a feira da Festa do Carmo nas ruas ao redor da Igreja e depois ao lado do Sesc, na Rua Ivo Dall’Acqua, até 2021, quando mudou de formato e passou a ser uma quermesse realizada na praça da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Mas então o Baile do Carmo já estava mais que estabelecido e consolidado na cidade.

Vimos trilhando até o momento um caminho que nos levará a compreender o Baile do Carmo. Sua origem estaria na Festa do Carmo, no batuque e na umbigada, sobretudo na configuração de uma elite negra araraquarense e seus clubes recreativos e na tentativa de criar a sua identidade. Os relatos anteriores confirmam a participação dos negros na Festa do Carmo, ao menos a partir da primeira metade do século XX. Há uma memória sobre essa festa que vai cedendo lugar a uma participação e memória do Baile do Carmo como uma festa negra em Araraquara (Tenório, 2010, p. 73).

O Baile do Carmo se constituiu e se configurou ao longo destes mais de cem anos como o espaço em que negros e negras são protagonistas de um grande evento social em Araraquara e no Estado de São Paulo. Neste espaço de encontro não há discriminação, nem exclusão. Ao contrário, ele é o espaço que conjuga respeito à identidade e reconhecimento social de seus participantes, “é um momento de aprimorar-se, subverter, assimilar, criticar, aprender, conquistar, negociar, lembrar e apropriar-se da energia vital que emana do (re)encontro” (Tenório, 2010).



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manção

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Se nos dias habituais e para o restante da sociedade eles são desconhecidos, no Baile eles têm a oportunidade de se sentirem importantes, porque são reconhecidos pelo grupo que se estabeleceu, tornando-se visíveis (...) reforçam os laços de solidariedade e buscam energia no grupo para o restante do ano; isto é, o Baile extrapola a dança e transforma-se em um espaço-tempo de sociabilidade (Tenório, 2010, p. 78).

Atualmente, a programação do Baile do Carmo é uma agenda de quatro dias de atividades. Em 2023, foi composta por show de abertura no Sesc com a cantora Paula Lima, seguido de samba no Quintal do Carmo. No segundo dia, teve a tradicional Sexta Black. O terceiro dia foi de futebol e samba no período da tarde e, depois, Noite de Gala. O fechamento da agenda foi com a Feijoada da Família.

Em outros tempos, a festa do Baile do Carmo teve uma programação maior, com a realização dos concursos para a escolha da Musa do Baile do Carmo, a partir dos anos 1990, e da Musa e do Príncipe, a partir de 2008 e o Desfile Show de Modas, que também data dos anos 1990. Para a pesquisadora Valquíria Tenório estes eventos específicos fizeram parte dos movimentos de reforço da autoestima e valorização da beleza negra dentro da programação do Baile do Carmo, assim como serviram de atrativo para o público mais jovem.

O Baile do Carmo também se caracteriza como um evento frequentado por toda a família e por diferentes gerações e com isso perfaz um outro papel na ressignificação da imagem e da identidade dos negros – a troca da representação do negro pobre malandro e sem laços familiares pelo reforço da organização pessoal, da importância da família, a celebração das tradições e a afirmação identitária.

Desta forma, o Baile do Carmo pode ser compreendido como um evento de reconstrução da imagem da população negra de forma positiva, de rompimento com os estereótipos sociais e de resistência à discriminação, junto com outros eventos e bailes negros realizados em cidades do Interior de São Paulo como Rio Claro, Limeira, Tietê, Ribeirão Preto e a Capital Paulista, que também se contrapõem “às práticas discriminatórias responsáveis por uma segregação racial no espaço do lazer” (Tenório, 2010).

O Baile do Carmo pode ser considerado um espaço de identificação coletiva de um ser negro (...) e encontram no Baile do Carmo um local de expressão dessa diversidade. (...)

Dessa maneira, entendo o Baile do Carmo como a forma encontrada pelos negros de Araraquara para superar as imagens depreciativas vigentes na sociedade local desde o início do século XX, além do seu significado de resistência e organização social, ou seja, o Baile pode ser encarado como uma estratégia de ação válida para a busca do reconhecimento dos negros e expressão de uma resistência por meio



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

do diálogo com a sociedade onde vivem, criando um espaço para afloramento de sua identidade e imagem (Tenório, 2010, p. 188 e 197).

O “passar de bastão” para Daniel Amadeu Martins Filho, o Costa

Segundo o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), “o patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”.

E é exatamente da forma como preconiza o Iphan que Daniel Amadeu Martins Filho, mais conhecido como Costa, afirma que o tradicional Baile da Raça, então realizado na Academia do Samba, conhecido por ABC, foi passado para ele por Geraldo David, em 13 de maio de 1988.

Enquanto o Brasil discutia a nova Constituição e sua redemocratização, em Araraquara, segundo Costa, a incumbência de sequenciar o legado do baile e as festividades que circundam a história dos festejos da população negra da cidade foi transmitida a ele, como ele mesmo diz: como uma missão.

Era preciso honrar o batuque de Damião e o Baile da Raça, da mesma forma como ele cresceu ouvindo e presenciando. Ambos já faziam parte da cidade, um não vivia mais sem o outro e vice-versa. As noites de julho eram as mais esperadas. Aguardava-se o momento tão de superar as noites de dor com noites de calor e festejo.

Uma das histórias que Costa traz é a de que o negro Damião não tinha as pernas; elas haviam sido decepadas.

No bairro do Carmo, onde hoje é o Sesc, havia um quilombo e lá vivia o negro Damião. Damião era escravizado e sonhou que Nossa Senhora do Carmo dizia para ele parar de sofrer e festejar. Uma festa foi criada para os negros dançarem e cantarem, porém, quando o capitão do mato descobriu, mandou cortar as pernas de Damião para que ele não dançasse mais (Costa, 2023).

Costa afirma que, quando a sua nova missão foi dada, houve um pequeno conflito familiar, pois a família não gostava dos amigos com quem Costa andava e que mantinham acesa a memória das noites de julho. Mesmo assim, entendendo que aquilo era sua missão em nossa cidade, ele se manteve ativo e em pé para, ano após ano, enaltecer e fazer crescer o Baile do Carmo, o novo nome do que começou como Batuque de Damião, depois ganhou forma como Baile da Raça, Noites de Julho e, por fim, Baile do Carmo, que desde a década de 1980 segue sendo pensado e produzido por Costa. Isto é, sem dúvida, patrimônio imaterial de uma cidade.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Depoimentos

A seguir, reproduzimos depoimentos coletados por Tenório (2010) e que mostram a importância do evento para a comunidade negra de Araraquara.

Pamela, 25 anos, negra - *O Baile do Carmo é um baile bastante tradicional aqui na cidade, né? Eu cresci ouvindo falar do Baile do Carmo. Eu não via a hora assim na minha mentalidade de crescer para ir no Baile.*

Geraldo, 79 anos, negro - *Porque é isso aí, começou com aquela tradição afro-brasileira. Então, pegou mais, Baile do Carmo é... o baile da raça negra. Ficou isso daí, né? O branco vai, mas a tradição é da raça negra.*

Lorhaine, 20 anos, negra - *Ai, eu, já ouvi falar que ele surgiu com... foram os ferroviários. Tinham os ferroviários aqui em Araraquara, eles eram negros, mas não podiam participar dos bailes dos brancos.[...] Também dizem que não foram os ferroviários, foram os negros dessa cidade, os escravos que faziam festa e os seus batuques lá e foi aumentando, aumentando. Têm várias histórias, uma hora falam que foram os escravos, sei lá foi aumentando para a cidade, depois falam que foram os ferroviários, depois falam que foi a própria população branca que excluindo os negros dos bailes... Eu não sei, até hoje não tem uma história certa que eu saiba, né?*

Daniel Amadeu, 54 anos, negro - *Porque eu virei uma marca do Baile do Carmo e eles acham, os brancos, que eu sou líder da comunidade por eu ter inovado a festa e ela ter começado com 600 pessoas quando eu peguei e hoje tem 06 dias de festa. Hoje tem a criança, o jovem, o adulto, tem o neto, a mãe e a avó.*

João, 19 anos, negro - *Cultura! Cultura, porque eu fui educado a ir ao Baile do Carmo, eu fui educado por quê? Porque a cultura da família já estava arraigada nele, isso fez com que a minha participação fosse assídua, desde eu ir pequeno para comer pipoca. A gente até brincou esse ano, eu e as minhas primas, a gente falava assim: o Baile do Carmo teve três fases na nossa vida e tem mais uma que vai acontecer que a gente não sabe como vai ser. Cinco, se formos levar ao pé da letra. Tinha a fase que nós não íamos, mas imaginávamos, tinha a fase que nós só íamos para poder correr e brincar tem essa fase agora da nossa adolescência que a gente vai já para paquerar, para dançar para fazer uma média, tem a fase de quando a gente assumir a postura dos nossos pais, e tem o anteceder, antes da gente*



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

ir sem saber ou da gente não ir, então essas 5 fases são primordiais na minha participação no Baile.

Berenice, 58 anos, negra, dona de casa - *Na época a gente entrava... época de carnaval a gente entrava no clube Araraquarense, fazer apresentação com a escola de samba. Fora o carnaval acabou, nada feito. Agora entra, né?*

Francisco Luiz, 59 anos, negro, jornalista - *O Carmo era um bairro predominantemente negro, assim como era a região mais distante do centro da cidade, região habitada mais distante do centro da cidade, assim como a Vila Xavier. Araraquara foi fundada em torno da capela de São Bento, é de se imaginar que tinha negros nos arredores, a cidade vai crescendo e a urbanização vai tomando, até pelo poder aquisitivo o negro ia se afastando [...] porque não conseguia facear os impostos.*

Sr. Pércio, 81 anos, negro, ferroviário - *As pessoas da estrada [de ferro - ferroviários] que naquele tempo, no meu tempo, que eu freqüentava o salão [...] os mais luxinho mesmo eram os ferroviários. Porque eram os que andavam mais bem trajados. Inclusive até no comércio quando subia um ferroviário ali pra rua 2 [Nove de Julho, rua central de comércio] todo mundo já ficava de olho [risos], aquele ali é o bom.*

Sra. Liberalina, 82 anos, negra, cabeleireira, moradora de Barretos - *Porque eu vinha [...] a minha irmã morava em São Carlos, essa que faleceu, eu vinha na casa dela. Às 7h45 tinha um trem, eu pegava. Vinha para o Baile dançava. Terminava o Baile eu ia pra São Carlos de novo, dormir, de tarde [bate as mãos] eu voltava. Aí a gente ia embora pegava o trem que saía de Barretos.*

Estela, 62 anos, negra, professora - *Os moços viajavam de trem, o trem não tinha alto custo, chegava aqui tinha aonde almoçar, jantar. Ah!!! Tinha muitos que eram filhos de ferroviários e nem pagavam. Então, tudo era facilitado.*

Sra. Arlinda, 91 anos, negra, dona de casa - *Ficar pra dançar à noite, sábado à noite, domingo à noite, quando era meianoite. Tinha um trem da estrada 2 horas da manhã que ia embora pra São Paulo. Tinha muito que ia embora porque segunda feira precisava trabalhar. No domingo a estação ficava cheia.*



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

José Francisco, 45 anos, negro, professor- *Ele [Baile do Carmo] entra na vida da gente como um momento que você não é inferior a ninguém, a nada.*

Fátima, 47 anos, negra, comerciária, organização do Baile - Nossa! *Desde menina eu imaginava um glamour e realmente era um glamour. Eu não imaginava que era tudo aquilo, sabe? Eram as mulheres impecáveis, então um glamour, mesmo!*

Márcia, 43 anos, negra - *No Baile do Carmo tá todo mundo feliz, todo mundo bonito, chique e todo mundo quer ser visto e uma alugou o vestido, a outra mandou bordar em São Paulo, a outra comprou em Ribeirão, então como todo mundo quer ser visto é aquela coisa, fica uma harmonia tão gostosa, tem um amigo meu que diz que queria ser vidente para ver, porque está todo mundo feliz, com uma aura bonita.*

Sra. Zenite, 85 anos, negra - *A gente procurava fazer os vestidos os mais lindos e apresentar, ainda mais quando tinha o desfile de moda, a pessoa queria apresentar lá melhor que pudesse. Eu sou costureira, então geralmente eu ia lá pra ajudar as moças lá que estavam desfilando. Então foi sempre muito bonito.*

José Servino, 59 anos, negro - *Faz tudo parte de um ritual, bailes, o Baile do Carmo, bailes que aconteciam nessa época ele era distinguido como um acontecimento social, fino, então a roupa fazia parte. Então, o terno, ele identificava, ele deixava o ambiente elegante, fino, respeitado, impondo respeito. Eu presenciei isso da pessoa chegar na porta e dizer que pagava o que fosse necessário. E diziam para ele nós não queremos o seu dinheiro, nós queremos decência. Eu acho que isso é uma forma de impor, a finesse, o que vai acontecer lá dentro, apesar de que pode acontecer também dentro de um lugar que estejam pessoas todas bem trajadas imprevistos, mas isso aí eu acho que era fundamental*

Doralice, 22 anos, negra, vendedora - *Ai, foi muito bom! As pessoas tratam você muito bem aonde você vai, todo mundo fala aí ela foi musa do Baile do Carmo. A gente é bem conhecida. Por ser um baile que o pessoal conhece bastante a gente fica meio que famosa, então, a maioria me conhece por isso, falam ah! a Dora, aquela que foi musa do Baile do Carmo, então é assim. Então, foi bom pra mim.*

Márcia, 43 anos, negra - *Eu fui no Baile quando eu tinha 15 anos. Isso aí foi em meados de 82, porque era uma felicidade a gente ir no Baile do Carmo, a gente se sentia princesa (risos). [...] porque ninguém tinha festa de 15 anos, família pobre, humilde não tinha jeito de ter*



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

festa de 15 anos. Era a festa de debutante que a gente falava, mas o Baile era a nossa festa, porque quem fazia aniversário até em junho ia no Baile do Carmo em julho, quem passasse de julho só ia no Baile do Carmo do outro ano.

José Carlos, 59 anos, negro - *A origem do Baile é um encontro da raça negra, com a maior classe, com a maior finesse, desde aquela época as pessoas comentavam isso não é um baile, é um desfile de modas, é um desfile de beleza. A origem do Baile do Carmo era e até hoje é um encontro da raça negra, da coletividade, da elegância, da irmandade, acontecimento de parentes que se viam só nessa época, então a origem que eu conheci, que eu entendo o Baile do Carmo é um baile que devia acontecer todos os sábados, mas acontece uma vez ao ano.*

Márcia, 43 anos, negra - *Eu acho assim que a obrigação da cidade era ter mais informações sobre o Baile, levar esse conhecimento, porque é a única coisa mais antiga da cidade, mais antiga daqui a pouco emparelhando com a cidade, uma coisa que ficou, uma coisa que é tradição, então essa tradição tem que ser passada para o povo da cidade e para o povo de fora.*

Edson, 44 anos, branco - *Olha, ele é... eu acho que o significado dele é maior do que ele próprio. Às vezes, você tem um baile com 500 pessoas, mas o que ele significa e o que ele mobiliza o que ele mexe com o imaginário é muito maior que ele próprio, então o que a gente tem que fortalecer é isso, ele tem que ser cada vez mais. Ele não pode perder a sua representação política e acho que isso o nosso governo fortaleceu muito, de dar a ele um caráter, uma dimensão política importante.*

Matilde Ribeiro, depoimento oral, 2006 - *Eu conheço a história do Baile do Carmo há bastante tempo, mas só há dois anos eu o conheci por dentro e eu pude identificar que é um foco de resistência no coração de São Paulo. É muito difícil um projeto, uma ação durar tantos anos com tanta persistência e eu acho fundamental que na cidade nós possamos ter presença na vida cultural, na vida política da cidade e o Baile do Carmo propicia isso com uma grandiosidade que me deixou bastante fascinada pela sua existência e hoje eu estou aqui não apenas para ir ao Baile, mas estou aqui para concretizar uma parceria com a prefeitura de Araraquara vinculando o Baile a um projeto do governo federal que é a valorização do patrimônio imaterial da humanidade, que é a música, que é o samba que são as formas de organização da vida cultural e política e histórica da população e o Baile do Carmo representa, na nossa compreensão, uma expressão moderna da luta que começou desde o momento que os nossos antepassados africanos chegaram aqui na condição de seres humanos escravizados e a escravidão serve... é um processo nefasto, é um processo criminoso contra a humanidade, então a resistência tem que ser valorizada para que a*



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

gente possa passar a limpo esta história de desumanização, de desrespeito à população negra que hoje no Brasil é mais do que 50% da população brasileira e a gente pode fazer política dançando [...].

José Francisco, 45 anos, negro - O Baile é político. O que o Baile tem que uma agremiação política não tem? Só um elemento eu acho, o prazer, você tá ali se divertindo, não tá quebrando a cabeça. Porque se você vai pra uma agremiação política, para um partido ou para uma entidade, ali você vai estar lidando com problemas que vão te trazer de novo a opressão, vão trazer de novo esses elementos contra os quais você está lutando, ali é o lugar de criar pressão e o Baile é o lugar onde se alivia essa pressão, eu acho que daí o sucesso dele.

Fotos

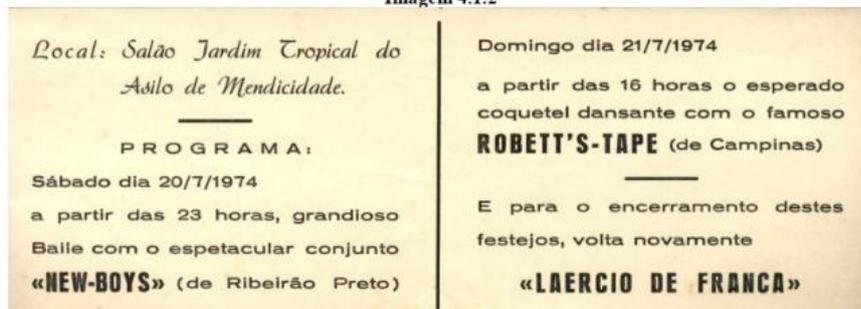
Abaixo, apresentamos fotos do Baile do Carmo e reproduções de materiais de divulgação retiradas de Tenório (2010).

Imagem 4.1



Frente do convite Baile do Carmo de 1974. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.1.2



Verso do convite Baile do Carmo de 1974. Fonte: Acervo da Pesquisadora.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541



Chegada dos participantes para o Baile do Carmo. Fonte: Acervo da Pesquisadora.



Presença Jovem na Noite de gala em 2008.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/thedreamstudio/2757465852/m/photostream/>



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541



As bandas na noite de gala em 2003, 2005, 2006 e 2009. Fonte: Acervo da Pesquisadora.



Imagem do Baile do Carmo. Fonte: Acervo da Pesquisadora.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

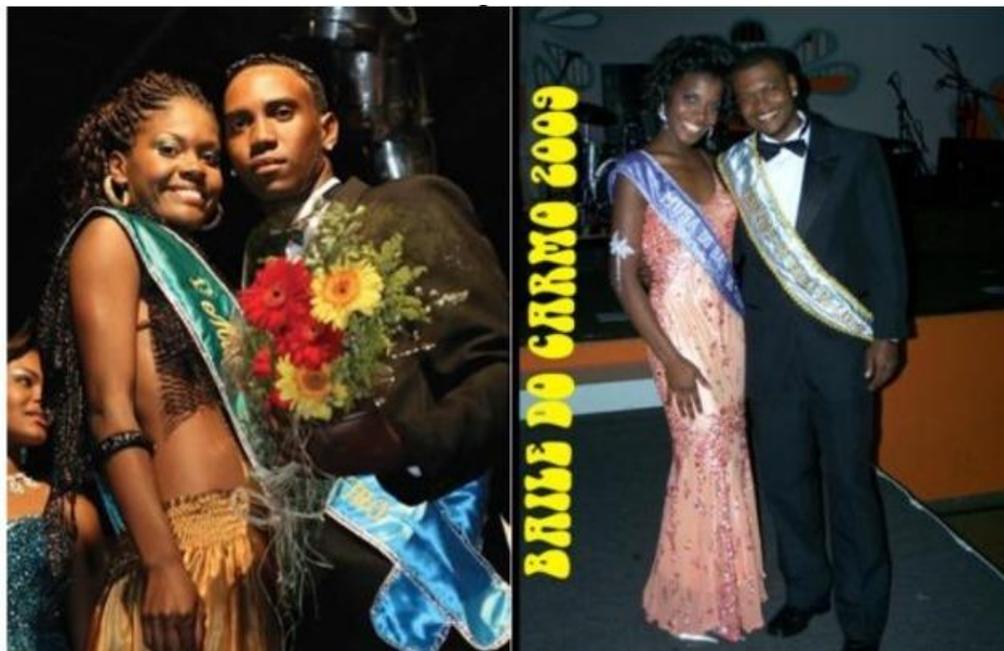
Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541



Musa e Príncipe do Baile do Carmo 2008 e 2009.

Fonte: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/121/artigo87780-1.asp>

Fonte: <http://bailedocarmo2009.blogspot.com/2009/06/principe-e-musa-do-baile-do-carmo-2009.html>



Desfile de roupas africanas. Fonte: Acervo da Pesquisadora.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541



Fachada do Clube Melusa. Fonte: Acervo da Pesquisadora.

Imagem 4.2.2



Fachada do Clube Estrela. Fonte: Acervo da Pesquisadora.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541



Apresentação de Umbigada. Fonte: Acervo da Pesquisadora.



Jogo de Futebol do Baile do Carmo. Fonte: Acervo da Pesquisadora.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

Calendário Oficial

Em 2002, a lei municipal nº 5.920, de autoria do então vereador Anuar de Oliveira Lauer, instituiu o dia 16 de julho como o Dia do Baile do Carmo e incluiu a festa no calendário oficial de eventos da cidade de Araraquara.

Patrimônio imaterial

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (Unesco), a definição de Patrimônio Imaterial é de “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”.

Isso significa dizer que um elemento cultural reflete a identidade da comunidade à qual ele se refere e, deste ponto de vista, não tem nada que reflita mais a história da comunidade negra araraquarense do que o Baile do Carmo. E, embora haja outros eventos similares organizados pela população preta de outras cidades do Estado, o Baile do Carmo é único e, portanto, tem uma relação de pertencimento exclusiva com a cidade de Araraquara.

Consta dentre os critérios de análise de objeto para tombamento como patrimônio cultural imaterial o fator ofício geracional. Diz o Iphan: “o patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”.

Isso significa que a manifestação em questão precisa ter sido passada de uma geração a outra. E, sendo o Baile do Carmo um evento realizado pelo menos há 135 anos, apesar das modificações pelas quais passou, ele já perpassou quase oito gerações. Além disso, pelos depoimentos fica evidente que se trata de um evento que trata da nossa identidade, faz parte do calendário das famílias e um encontro que se dá por meio de várias gerações na atualidade. A programação acolhe desde os mais jovens até a velha guarda.

Estes conceitos estão de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006, e nos mostram que, para se ter algo declarado como patrimônio imaterial de nossa cidade, precisamos observar se:

- 1) O Baile do Carmo está enraizado na comunidade araraquarense;
- 2) Em quantas gerações a sua continuidade está alicerçada;
- 3) Qual a interligação dele com o nosso passado.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Palacete Vereador Carlos Alberto Manço

Gabinete Fabi Virgílio

Rua São Bento, nº 887 - Centro

CEP 14801-300 - ARARAQUARA / SP

Telefone PABX (16) 3301-0610 / Cel: (16) 99712-4541

São questões basilares para se inaugurar uma discussão tão séria como a declaração de Patrimônio Imaterial de uma cidade e para as quais encontramos 100% de respostas positivas no caso do Baile do Carmo, conforme mostra este documento.

Referendamos, assim, que se trata de um objeto que merece ser resguardado, protegido e eternizado como PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL de Araraquara!